

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 1890

Data: 09.08.90

Pg.: _____

Equipe vai até Roraima para tratar dos Yanomami

Um levantamento das doenças registradas entre os índios da tribo Yanomami, em Roraima, estará sendo realizado a partir de segunda-feira por uma equipe de profissionais do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará. Quatro médicos, um biólogo, quatro laboratoristas e uma enfermeira —, que realizam o trabalho a convite da Fundação Nacional do Índio — Regional Pará — ficarão 18 dias na reserva dos Yanomami procedendo exames físicos nos índios da tribo e colhendo amostras de sangue, fezes e urina. Após o diagnóstico será administrada a medicação adequada, doada pela Funai.

Desde 1983 a equipe da UFPa — da qual faz parte o pró-reitor de Pesquisa Sidney Santos — vem realizando um levantamento junto às populações indígenas do Pará, objetivando coletar dados referentes à genética e a doenças sexualmente transmissíveis. Nas 28 tribos visitadas foram detectados casos de malária, com a prevalência aumentando em determinadas épocas do ano e em áreas próximas de sociedades urbanas. Também foram observados casos de doenças sexualmente transmissíveis em índios cujas tribos ficam próximas a cidades.

Segundo o levantamento, as moléstias mais comuns são a cladímia, gonorréia e hepatite B, embora tenham sido registrados casos esparsos de sífilis. O aparecimento de gonorréia em crianças é explicado por Sidney Santos:

“Nas sociedades primitivas e fechadas, como a dos índios, o contágio se torna mais efetivo, não sendo necessário o contato sexual para adquirir a doença”. Outra informação preocupante foi obtida na pesquisa na tribo Apalai: é de 22% o índice de persistência do vírus da hepatite B, uma forma crônica da doença que pode levar a uma cirrose hepática, e à morte.

Malária

A erradicação da malária — mais freqüente entre as doenças que vitimam as tribos brasileiras — não é tarefa fácil. No caso da tribo Yanomami, por exemplo, a extensão da área da reserva é um dos maiores obstáculos para combater o mosquito transmissor da moléstia. A retirada de garimpeiros das áreas próximas à reserva e o tratamento apenas com medicamentos também não solucionam definitivamente o problema que, segundo Sidney Santos, “é de proporções bem maiores”.

A Funai solicitou a ajuda dos profissionais da UFPa para o atendimento médico aos Yanomami em face da insuficiência numérica de suas equipes de campo para cobrir a grande quantidade de reservas indígenas localizadas na área. Para Sidney Santos, o convite da Funai assume forma de proposta concreta: a formação de grupos médicos que auxiliem aquela instituição no atendimento aos índios.